

MENTE: SUFIXO ADVERBIAL?

Geraldo Cintra

Unicamp - U.F. Viçosa

0. Introdução

Ao considerarmos, em outra oportunidade, as alterações decorrentes do acordo ortográfico de 22 de abril de 1971 (Cintra 1972a, b), tivemos nossa atenção atraída por alguns aspectos sugeridos pelo item que estabelece a eliminação da acentuação gráfica na chamada sílaba subtônica dos derivados em *mente*, *zínho*, etc.¹

Embora não seja nossa intenção abordar aqui exclusivamente o aspecto ortográfico do assunto em questão, tomá-lo-emos como ponto de partida para nossa análise, pois a solução do aspecto ortográfico tem necessariamente de fundamentar-se na análise dos aspectos lingüísticos do problema.

A quase totalidade dos trabalhos referentes à ortografia está baseada não numa análise lingüística do problema, mas sim quase que exclusivamente na língua escrita, dentro de um quadro teórico pré-estabelecido, de orientação predominantemente filológica, não levando em conta a grande variedade e flexibilidade de critérios na identificação gráfica de unidades formais. Nesse sentido, não seria exagerado afirmar que a eliminação dos acentos grave e circunflexo no caso em questão foi praticamente feita "no papel". Senão, vejamos:

Nas palavras terminadas em *mente*, *zínho*, etc., temos um caso de derivação sufixal ou de composição por justaposição (inclusive gráfica) de vocábulos? A resposta a essa pergunta é que nos permitirá determinar a possibilidade de eliminação do acento, exigindo uma análise objetiva dos fatos. Se há simples justaposição, é possível ou conveniente eliminar a acentuação gráfica? Se se trata de sufixo, será realmente desnecessária essa acentuação?

Analisaremos neste trabalho apenas o caso dos advérbios em *mente*, embora muitas das conclusões sejam (ou nos pareçam ser) aplicáveis a outros casos, como o dos diminutivos em *zínho*, por exemplo.

1. Mente como sufixo.

Nas *Instruções para a Organização do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, na parte referente à acentuação gráfica (XII, §43) diz a regra 13a. que serão mantidos "o acento circunflexo e o til do primeiro elemento dos advérbios em *mente* e nos derivados em que figuram sufixos precedidos do infixo z e o acento agudo do primeiro elemento passará a ser acento grave nos derivados dessa natureza".²

Nota-se que a formação de advérbios em *mente* é tratada como um processo de derivação, mais especificamente derivação sufixal. Esse tratamento vai levar ao estabelecimento de um único sufixo derivacional para a formação de advérbios, fato para o qual chamam a atenção nossas gramáticas.³

Embora seja possível argumentar que nada impede a ocorrência de fatos isolados na estrutura de uma língua, é de se estranhar que, num sistema tão rico como o dos afixos derivacionais do português, ocorra somente um sufixo adverbial e que se já esse o único caso de ocorrência de um só sufixo.

Esse critério (que denominamos *critério de assimetria estrutural*) por si só não seria talvez suficiente para provocar uma reformulação do tratamento tradicional. Outros fatores, contudo, impõem uma análise mais detalhada, e deles nos ocuparemos no decorrer deste artigo.

Câmara (1969, 1970, 1976) considera *mente* uma forma livre, e os advérbios em *mente* como compostos por justaposição, sem contudo discutir as razões que levam a tal análise.⁴ Menciona, como todos os outros autores, o critério diacrônico (Cf. 8, adiante) e observa (Câmara 1970, 61) a distribuição do acento de intensidade (Cf. 5, adiante) sem, contudo, considerar que nos pontos em que "a intensidade 2 é muitas vezes assinalada graficamente" pode ocorrer o quadro de fonemas vocálicos do português em sua plenitude (fato que consideraremos no item 4, adiante).

A formulação mais completa de sua análise (a única a fugir à classificação tradicional de *mente* como sufixo adverbial) encontra-se em Câmara 1976 (121-122):

Continua a se tratar em português de uma locução: dois vocábulos fonológicos e morfológicos distintos usados em bloco como uma unidade secundária. Com efeito, o adjetivo tem sempre o seu acento, baixado a grau menos intenso do que em posição isolada (§2,II) e se flexiona com a desinência de feminino para concordar com *mente*. Daí a coordenação de dois ou mais adjetivos, subordinados a um único vocábulo *mente* no fim da sequência: *firme, serena e corajosamente*.

2. Fatoração.

Um fenômeno característico que se verifica com *mente* é a possibilidade, à semelhança do que se faz em matemática, de "pôr em evidência" esse elemento. Esse fato, mencionado em quase todas as gramáticas,⁵ é denominado *fatoração* em Pottier,

Audubert e Pais (1972, 15), onde, contudo, é considerado como de âmbito mais amplo:

A *fatoração*. — É obrigatória no caso dos adjetivos [sic] em *-mente*; somente o último de uma série toma essa marca: "escusa e sorrateiramente". "No meu time jogarã quem estiver muito bem. *Moral, técnica e fisicamente*." (de Zagalo, entrevista com O Cruzeiro — 28/04/70 — p. 39). É facultativa com as preposições: "Para João e Antônio."

Creemos, entretanto, ser aqui conveniente distinguir entre a *fatoração de mente* (tratado, por enquanto, como sufixo) e o fato de (como no último exemplo da citação acima) uma preposição reger toda uma construção.

Observe-se que há equivalência semântica entre

(a) clara e concisamente		claramente e concisamente
	e	
lenta e deliberadamente		lentamente e deliberadamente

mas não entre

(b) pês e mãozinhas		pezinhos e mãozinhas
cães e gatinhos	e	cãezinhos e gatinhos
patos e gatinhos		patinhos e gatinhos

Em (a) a diferença é, quando muito, de ordem estilística, mas em (b) o emprego do sufixo caracteriza apenas a palavra com que ocorre, e, por conseguinte, os pares de substantivos da primeira coluna diferem de seus correspondentes na segunda.

Portanto, se *mente*, *inho*, *zinho*, etc. são sufixos, *mente* será o único dentre todos os sufixos derivacionais que goza do privilégio sintático da *fatoração*.⁶

3. Paralelismo estrutural.

Casos como os citados em 2 (a), acima, são perfeitamente paralelos a construções como

(a) crítica e detalhada análise
clara e concisa exposição
lenta e deliberada ação.

Em especial, observe-se a quase identidade de

(b) clara e abertamente e clara e aberta mente

Outro fator a ser notado no tocante a tal paralelismo estrutural é a manutenção do gênero feminino em todos os adjetivos⁷ (salvo algumas exceções, mais teóricas que reais⁸), num paralelo a outros casos de concordância entre adjetivos e substantivos:

- (a) clara, concisa e coerentemente
clara, concisa e coerente análise.

4. Considerações fonotáticas.

É fato bastante sabido que o sistema vocálico do português são manifesta a totalidade de suas oposições em posição tônica (Câmara 1953, 76-85; 1969, 22-24; 1970, 34-35; 1976, 40-41).

Qualquer que seja o modelo teórico adotado para descrever esse fato, isto é, quer adotemos o critério distribucionalista puro (ocorrência ou não de determinados fonemas em determinadas condições) ou consideremos três quadros vocálicos (o que vem a ser apenas uma reformulação do critério anterior) ou adotemos os conceitos de neutralização e arquifonema, o fato é que em posição pretônica (que é a que nos interessa nesta análise) não se verifica a oposição entre as vogais médias aberta e fechada (isto é, / e - ε / e / o - ɔ /).⁹

Ora, se considerarmos *mente* sufixo sobre o qual incide o acento de tonicidade, torna-se difícil explicar a ocorrência de vogais abertas em posição pretônica em palavras como *previamente*, *regiamente*, *otimamente*, *logicamente*, *somente*, etc. O recurso tradicionalmente utilizado ao considerar tais casos era o de denominar *subtônica* a sílaba tônica do primeiro elemento da palavra. De qualquer forma, teríamos aí uma aparente violação de um processo que invariavelmente opera na formação de vocábulos fonológicos em português.

5. Considerações prosódicas.

A distribuição dos diversos graus do acento de intensidade num vocábulo português depende da localização da sílaba tônica — as sílabas pretônicas serão menos fortes que a tônica, porém não tão fracas quanto as postônicas (Câmara 1953, 61-65).

Conforme mencionamos acima, é apenas em sílaba tônica que se verifica efetivamente a oposição entre vogais médias aberta e fechada. Ao considerar a existência de uma sílaba subtônica procura-se justificar não só a ocorrência dessa oposição em posição não-tônica, mas também a ocorrência, naquilo que é considerado *uma palavra*, de um padrão acentual característico de compostos ou seqüências de vocábulos. Compare-se:

(a)	claramente		passatempo
	regiamente		vitória-régia
	claramente	e	clara voz
	vivamente		viva voz
	livremente		livre curso

Observe-se ainda a identidade acentual em

(b)	Ele ficou claramente		Ele falou que Clara mente.
		e	
	Clara e abertamente		Clara e aberta mente.

6. Síllaba subtônica e acentuação grãfica.

Se na chamada síllaba tônica subsiste a oposição entre vogais mēdias aberta e fechada (característica, insistimos, da posição tônica), mantendo-se ainda as características acentuais delimitativas, é lícito pôr em dúvida a conveniência de eliminar a acentuação grãfica de tais síllabas, conforme decidido no acordo de 22/4/71 principalmente se levarmos em conta a possibilidade de fatoraçoã.¹⁰

A finalidade de um sistema de representação ortogrãfica é permitir ao leitor a leitura. Embora tal afirmaçoã pareça por demais óbvia, não nos custa imaginar a dificuldade (haja ou não o problema da determinaçoã do timbre vocãlico) de gran de número de principiantes (e não só principiantes) ao depararem com palavras como celeremente, prodigamente, agnosticamente, subrepticamente, ou ao ter de determinar qual a subtônica de estereofotogrametricamente...

Na ocorrēncia de fatoraçoã, a decisãõ a respeito de como acentuar terã de basear-se num dos seguintes critērios:

1. acentuar-se-ã apenas o adjetivo:

- (a) rãpida açãõ
- (b) agir rãpida e eficazmente

2. acentuar-se-ã tanto o adjetivo quanto o advērbio, haja ou não fatoraçoã (mas como acentuar, se não mais se acentuam as subtônicas?):

- (c) agiu rãpida e eficazmente
- (d) agiu rãpida e eficazmente

Se acentuarmos conforme o exemplo (c), estaremos acentuando como palava independente um elemento que (se mente é sufixo) não apresenta tal independēncia. Como, pelo acordo, os acentos agudo e circumflexo sãõ se utilizam em síllaba tônica, e é mantido o conceito de síllaba subtônica, não se pode empregã-los (como em (c)) acenu

tuando como tônica uma sílaba que não o ê, e a acentuação anteriormente vigente (ex. (d)) não pode ser utilizada, por não mais se acentuarem as subtônicas...

Em casos como o do exemplo (b) ocorreriam, sem dúvida, frequentes ve zes os problemas de identificação do timbre vocálico ou de localização da subtônica a que acima nos referimos.

Mas se tais problemas não afetam tanto aqueles cujo domínio do vernáculo é mais amplo, ou nem chegam a criar obstáculo à compreensão quando o próprio con texto elimina a ambiguidade (*resolveu pratica e eficazmente os problemas*), sempre po derão ocorrer casos de ambiguidade irresolúveis sem a precisa determinação da tonicidade ou do timbre vocálico, como por exemplo em

(e) Em sua resenha, o Sr. X critica o texto. Critica e detalhadamente ana lisa dado pelo autor, ...

onde as palavras sublinhadas podem ser interpretadas de duas maneiras:

- (i) Verbo + Conjunção + Advérbio
- (ii) (Adjetivo + Conjunção + Adjetivo)mente
(com fatoração)

É curioso notar que as gramáticas e manuais de ortografia não tratam da acentuação no caso da fatoração com *mente*, como se se tratasse de uma decorrência automática da aplicação das regras básicas de acentuação.¹¹

Entretanto, a acentuação gráfica exerceria aqui papel fundamental na identificação morfo-sintática dos constituintes da oração.

7. Considerações morfológicas.

Do ponto de vista morfológico, *mente* seria um sufixo de características muito especiais. Além de ser o único sufixo adverbial e o único a permitir a fatoração, seria ainda o único a exigir concordância — e exclusivamente de gênero — além de dar origem a palavras com flexão *interna* (*clar-a-mente*).

Ora, os sufixos flexionais de gênero e número ocorrem sempre nesta ordem e após os derivacionais, ao final do vocábulo:

- (a) livr - o
livr - o - s
livr - et - o - s
livr - inh - o - s
- (b) sadi - o
sadi - o - s
sadi - a

mas:

(c) *sadi* - a - *mente*

Por conseguinte, *mente*, se sufixo derivacional, violaria as regras morfológicas básicas, invioladas em outros casos.¹²

Este aspecto, embora subjacente às considerações referentes ao uso da forma feminina do adjetivo, não parece ter sido notado por gramáticos, filólogos ou lingüistas, pois não o mencionam.

8. Considerações diacrônicas.

Mente origina-se do ablativo singular do substantivo feminino latino *mens, mentis*. Justifica-se, assim, o emprego da forma feminina do adjetivo por uma simples regra de concordância.

Três motivos nos levaram a deixar por último este argumento:

1. A descrição dos fatos lingüísticos deve ser feita em termos unicamente sincrônicos visando explicar a estrutura da língua tal como se nos apresenta, em seu sistema de interrelações, e não procurando explicar os fatos em função de considerações etimológicas de que os falantes não têm e nem necessitam ter conhecimento.
2. Esse argumento não constitui contribuição pessoal à análise do problema, pois é de conhecimento geral.
3. É o argumento utilizado com maior frequência nas gramáticas para justificar a exigência da forma feminina do adjetivo.¹³

9. Outras considerações.

A comparação com o que acontece em duas línguas indo-europeias relacionadas, embora pertencentes a outro ramo, pode ajudar a esclarecer a natureza do fenômeno que ora nos ocupa a atenção.

O inglês apresenta um sufixo adverbial *-ly*, com funções idênticas as de *mente*. Esse sufixo origina-se do adjetivo *like* "semelhante" (em anglo-saxão *līc*, utilizado como sufixo adverbial com a forma *-lice*, de uma raiz germânica **likom* "forma").¹⁴ Trata-se aí, entretanto, de um verdadeiro sufixo, já que *like* /layk/ ocorre isoladamente como adjetivo e, mesmo em casos de composição -- como em *childlike* -- mantém acentuação secundária; já *-ly* ocorre apenas como sufixo, e é sempre /li/, átono.

O holandês, também uma língua germânica, tem, da mesma origem (**likom*), um sufixo *-lijk* utilizado na formação de adjetivos/advérbios de modo (como em

gewoonlijk "usual, usualmente"; *natuurlijk* "natural, naturalmente"; etc.), bem como um verbo *lijken* "semelhar, parecer". Mas, embora mantida a semelhança gráfica, a evolução fonológica caracteriza nitidamente o verbo (pronunciado /lɛykə n/), diferenciando-o do sufixo (/lə k/), átono.

Em ambos os casos nota-se perfeitamente a caracterização indiscutível do sufixo, mas o mesmo não se pode dizer com respeito a *mente* em português.

No tocante às outras línguas românicas, temos um caso idêntico em espanhol e italiano. A mesma análise é aplicável ao galego e parece pode aplicar-se ao catalão. O rumeno possui a palavra *mente* "mente", não a empregando, contudo, na formação de advérbios. (Utiliza nesse caso ou o próprio adjetivo --- *imediat* "imediatamente" --- em função adverbial, ou um advérbio de modo em *-este, -cește, -nește: orbește* "cegamente", *romînește* "ã rumena", *obrăznițește* "insolentemente".)

9. Conclusões.

Com base nos argumentos acima apresentados, pode-se seguramente concluir que *mente* não é um sufixo adverbial, já que não apresenta quaisquer características de sufixo. É vocábulo fonológico independente, confirmando a análise de Câmara (1969, 1970, 1976). É interessante, neste sentido, notar que

Although these adverbial phrases soon coalesced into single words, the earliest examples in Portuguese show them still as separate words.

<i>verdadeiro</i>	true	<i>verdadeira</i>	<i>mente</i>	truly
<i>cortes</i>	courteous	<i>cortes</i>	<i>mente</i>	courteously
<i>coitado</i>	unhappy	<i>coitada</i>	<i>mente</i>	unhappily

(Allen, 1966, 103)

Os advérbios em *mente*, tendo em vista os critérios de assimetria estrutural, fonotático, prosódico, morfotático, o fenômeno da faturação e, corroborando a análise, o critério diacrônico, seriam preferivelmente considerados como derivados por composição, mais especificamente por justaposição. Tais argumentos, associados a considerações de ordem prática, poderiam, talvez, levar a uma reconsideração da acentuação gráfica em tais casos. O fenômeno da faturação, à luz de tais considerações, reduz-se a um simples caso de concordância de gênero, abundantemente ilustrada na estrutura do português.

É assim possível simplificar a descrição gramatical, eliminando-se um elemento único, caracterizado por privilégios estruturais igualmente únicos, o que permite atribuir ao sistema maior simetria estrutural, sem sacrificar (pelo contrário!) a precisão das observações ou sua adequação à realidade lingüística.

NOTAS:

1. Este trabalho é uma versão ampliada de comunicação apresentada no Primeiro Encontro Paulista de Professores de Português (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, novembro de 1974).
2. Ferreira (1969, xviii). Não concordamos, naturalmente, com a classificação de z como infixo (classificação essa partilhada pela grande maioria dos gramáticos, cf. Bechara 1973, 87, 179; Cegalla 1973, 121; Cunha 1970, 46 e 1972, 109; Kury 1968, 113; Lima 1972, 81; Melo 1970, 119).
3. Cf. Bechara 1973, 181; Cegalla 1973, 88; Melo 1970, 108; Kury 1968, 94; Cunha 1970, 52 e 1972, 118.
4. "...nos advérbios formados de um adjetivo com o elemento *-mente* sufixado, como *amavelmente*, *simplesmente*, etc., em que *mente* deve ser interpretado como a forma livre *mente*, mas no sentido vago de 'maneira' proveniente de atitude mental". (Câmara 1969, 38).
5. Das gramáticas consultadas apenas Kury e Ali não fazem referência específica ao fe nômeno.
6. Observe-se ainda que há restrições sintáticas quanto à possibilidade de fatoração: ambos os advérbios devem referir-se a um mesmo núcleo verbal para que a fatoração seja possível. É essa restrição que explica a diferente interpretação de *clara* e *concisamente* em *Ele falou clara e concisamente* e *Ele falou com voz clara e concisamente expôs suas idéias*.
7. Esse fato é especificamente mencionado, embora nem sempre com destaque, por nossas gramáticas (Kury não faz referência ao fato; Ali, Cegalla, Bechara, Melo o mencionam sem justificativa; Cunha justifica diacronicamente a forma feminina). Por se tratar de caso único, é destacado em manuais para o ensino de Português como língua estrangeira (van Bellen, 1955, 78-79; van Twisk & Paulik, 103).
8. "É mera convenção da língua literária deixar invariável um adjetivo de sufixo *-ês* (*burguesamente*, *portuguesamente*) na base do padrão arcaico; a praxe se mantém porque tais advérbios são pouco frequentes na língua usual. Para *-or* há a flexão: *desesperadoramente*." (Câmara 1976, 121). No uso corrente tais advérbios, se empregados, se quem analogicamente a regra geral (*burguesamente*, *portuguesamente*).
9. Por conveniência na descrição mantemos aqui uma distinção em quatro níveis de abrimento, embora de um ponto de vista estritamente fonêmico preferamos utilizar uma

classificação baseada em apenas três graus tanto de abrimto quanto de anterioridade.

10. Luft (1972, 51) reconhece tal necessidade: "Era talvez muita acentuação, mas uma acentuação útil, pois marcava a sílaba subtônica e o timbre da respectiva vogal. Verdade que não chegava a uma sistematização satisfatória... A abertura da vogal subtônica não se dá apenas antes de sufixos iniciados por z, e nem sempre vem com acento gráfico (*terra, nova*) antes de anexação de sufixos..."
11. Um dos exemplos citados em Cunha (1972, 503), de G. Amado, traz "...*pacífica, honrada e banalmente*." Mas não é dada qualquer explicação quanto ao emprego do acento agudo no primeiro adjetivo, tomado, portanto, como adjetivo e não como advérbio (que viria sem acentuação).
12. Observe-se aqui que, conforme mencionáramos em nossa introdução (p.73) os mesmos argumentos utilizados para provar que *mente* não é sufixo poderiam aplicar-se com relação a *zinho*: se *zinho* é sufixo, então palavras como *coraçõezinhos, alemãzinhas, etc.* contêm dois morfemas de gênero e dois de número, apresentando dupla flexão interna!
13. Cf. Cunha 1970, 52 e 1972, 118.
14. Cf. Sweet 1955, 1956, 1957.

REFERÊNCIAS:

- ALI, Manuel Said. s/d. *Gramática elementar da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos.
- 1964. *Gramática secundária e Gramática histórica da língua portuguesa*. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília.
- ALLEN Jr., Joseph H.D. 1966. *Portuguese Word Formation with Suffixes*. New York: Kraus Reprint Co.
- BECHARA, Evanildo. 1973. *Moderna gramática portuguesa*. São Paulo: Nacional (19a. ed.)
- CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. 1953. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Org. Simões.
- 1969. *Problemas de lingüística descritiva*. Petrópolis: Vozes.
- 1970. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes.
- 1976. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro. Padrão.

- CEGALLA, Domingos Paschoal. 1973. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Nacional (13a. ed.)
- CINTRA, Geraldo. 1972 a. "Aspectos de uma reforma ortográfica", 3º Congresso Brasileiro de Língua e Literatura. Rio de Janeiro: Gernasa.
- _____ 1972 b. "Ainda a nova ortografia". 1º Congresso Brasileiro de Literatura, Língua e Lingüística, Universidade de São Paulo. (A ser publicado).
- CUNHA, Celso F. da. 1970. *Gramática Moderna*. Belo Horizonte: Bernardo Álvares (2a.ed.)
- _____ 1972. *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: MEC/FENAME.
- KURY, Adriano da Gama. 1968. *Manual prático de ortografia*. Rio de Janeiro: Agir.
- LIMA, Carlos H. da Rocha. 1972. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio (15a. ed.)
- LUFT, Celso Pedro. 1969. *Guia ortográfico*. Porto Alegre: Globo (3a. ed.)
- _____ 1971. *Gramática resumida*. Porto Alegre: Globo (2a. ed.)
- _____ 1972. *A nova ortografia oficial explicada*. Porto Alegre: Sulina (2a. ed.)
- _____ 1973. *Novo guia ortográfico*. Porto Alegre: Globo.
- MELO, Gladstone Chaves de. 1970. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica (2a. ed.)
- POTTIER, Bernard, A. Audubert & C.T.Pais. 1972. *Estruturas lingüísticas do português*. São Paulo: Difusão Européia do Livro.
- SILVA NETO, Serafim da. 1970. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal (2a. ed.)
- SWEET, Henry. 1955. *First Middle English Primer*. Oxford: Clarendon Press.
- _____ 1956. *Second Middle English Primer*. Oxford: Clarendon Press.
- _____ 1957. *Sweet's Anglo-Saxon Primer*. Oxford: Clarendon Press. (9a. ed.)
- Van BELLEN, Cornelis & W. 1955. *Portugees leerboek, ten dienste van emigranten naar Brazilië*. Leiden: E.J. Brill.
- Van TWISK, C. & W. Paulik. s/d. *Modern Portugees spraakkunst*. Amsterdam: L.J.Veen.